



MISOGINIA ESTAMPADA NO JORNAL: ARTE-EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO COLETIVA DE OLHARES SOBRE GÊNERO

Catarina Percinio Moreira da Silva

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFSP, Bragança Paulista, SP, Brasil.

catarina.silva@ifsp.edu.br

Resumo

O presente relato descreve a experiência pedagógica desenvolvida com turmas do terceiro ano do ensino médio numa escola, a partir da elaboração da instalação artística *Misoginia estampada no jornal: Espelhos de papel*. O objetivo foi promover reflexões sobre a violência de gênero e ampliar o debate sobre masculinidades e empatia entre os estudantes. A metodologia envolveu a mediação de diálogos, leitura de textos jornalísticos, criação coletiva de obras e exibição do documentário *A máscara em que você vive*, de Jennifer Siebel. O processo resultou na criação de laços de acolhimento, escuta e reconhecimento das desigualdades de gênero, fortalecendo a construção de um espaço educativo de respeito, sensibilidade e transformação social.

Palavras-chave: arte-educação; gênero; instalação artística.

MISOGYNY PRINTED IN THE NEWSPAPER: ART EDUCATION AND COLLECTIVE CONSTRUCTION OF PERSPECTIVES ON GENDER

Abstract

This report describes the pedagogical experience developed with third-year high school classes at a school, based on the creation of the art installation *Misogyny Printed in the Newspaper: Paper Mirrors*. The objective was to promote reflections on gender-based violence and broaden the debate on masculinity and empathy among students. The methodology involved facilitating dialogues, reading journalistic texts, collective creation of works, and screening of the documentary *The Mask You Live In*, by Jennifer Siebel. The process resulted in the creation of bonds of acceptance, listening, and recognition of gender inequalities, strengthening the construction of an educational space of respect, sensitivity, and social transformation.

Keywords: art education; gender; artistic installation.

INTRODUÇÃO

Este relato apresenta a experiência desenvolvida com as turmas de terceiro ano de uma instituição de ensino, na disciplina de Arte, ao elaborar uma instalação com o título *Misoginia estampada no jornal: Espelhos de papel*. A proposta teve como objetivo articular teoria e prática artística em um processo de criação coletiva, visando promover a reflexão crítica sobre a violência de gênero e a construção de uma consciência social por meio da arte.

A instalação foi criada de forma coletiva pelos(as) estudantes dos terceiros anos, durante a disciplina de Arte, como parte dos estudos sobre arte de protesto e arte de denúncia – categorias que, neste relato, compreendemos a partir do modo como Mundano, Ai Weiwei e Cildo Meireles mobilizam a materialidade cotidiana para tornar visíveis violências estruturais, seja pela evocação da memória das vítimas (protesto), seja pela exposição do mecanismo que produz a violência (denúncia). A proposta teve como base o livro *A prateleira do amor*, de Valeska Zanello, que oferece uma leitura crítica sobre os discursos que atravessam os papéis de gênero em nossa sociedade. A discussão foi sustentada ainda pela compreensão de gênero como construção cultural e performativa (Butler, 2013) e pela literatura sobre feminicídio como expressão extrema dessa estrutura de violência (Meneghel; Portella, 2017).

Com o objetivo de sensibilizar as pessoas visitantes para essa temática urgente e promover a reflexão sobre como a violência contra as mulheres é normalizada e reproduzida cotidianamente, a instalação foi construída em três partes.

Na primeira parte, colagens, objetos envoltos em jornais e espelhos modificados expressam a leitura crítica dos estudantes sobre a realidade, transformando a denúncia em arte. Na segunda parte, foi apresentada a partilha do processo de criação e o aprofundamento no tema. Na terceira parte, os(as) visitantes foram convidados(as) a transformar a sensibilidade em ação, na área dos murais interativos.

1. DISPARADOR

As obras foram criadas em duplas ou trios. As manchetes de jornal sobre feminicídio, dispostas nas paredes do espaço, serviram como base para a criação. Por se tratar de um tema delicado, o setor da Coordenadoria Sociopedagógica foi acionado para permanecer à disposição, caso algum(a) estudante ficasse abalado(a) no processo de debates e estudos.

2. FORMA

Cada turma recebeu uma das seguintes propostas: A) Elaborar um quadro utilizando a técnica de colagem; B) Criar uma escultura/instalação de objetos com jornal; C) Interferir em um espelho simples, de moldura laranja, colando letras recortadas.

Assim, cada manchete de jornal gerou três obras em diálogo — um espelho, um objeto e um quadro. O uso do papel jornal, das diversas tipografias variadas e do acabamento irregular dos recortes e colagens foi uma escolha estética que unificou a criação do grupo. A intenção foi subverter o jornal como transmissor de más notícias, transformando-o em um instrumento de sensibilização sobre o tema.

Essa escolha buscou retirar das letras do jornal a invisibilidade que cerca a misoginia cotidiana e estrutural, compreendida aqui a partir do eixo histórico-psicanalítico que trata o ódio às mulheres como produto de longa duração da cultura patriarcal (Moterani; Carvalho, 2016). Os espelhos, por sua vez, foram utilizados de maneira provocativa, representando que todos somos reflexo dos comportamentos, valores e ações misóginos presentes na cultura vigente, que como argumenta Rich (2012), se sustenta sobre a heterossexualidade compulsória enquanto instituição política que regula corpos e desejos, sobretudo os das mulheres. Assim, ao ler as frases nos espelhos, cada visitante via o próprio reflexo — como possível perpetrador(a) ou vítima dessas violências — e simultaneamente percebia suas reações faciais, gerando uma sensibilização mais emocional do que a habitual ao consumir noticiários sobre o tema.

A escolha dos objetos provocou reflexões não apenas estéticas, mas também pedagógicas, permitindo que os estudantes compreendessem a dimensão simbólica da violência de gênero presente no cotidiano. Objetos que são corriqueiros no ambiente doméstico, mas potencialmente perigosos para as mulheres.

O uso do jornal conferiu uma aparência de “lixo” ou “descarte”, remetendo à forma como as mulheres são socialmente tratadas ou como essas notícias são rapidamente substituídas por outras semelhantes.

3. INSPIRAÇÃO

A inspiração do processo de criação coletivo veio de obras que articulam materialidade, memória e denúncia. A exposição *Remembering* (2009), do artista chinês Ai Weiwei, compôs um vasto painel de mochilas escolares em homenagem às crianças mortas no

terremoto de Sichuan (2008) — catástrofe agravada pela corrupção na construção dos prédios escolares. A obra ensinou a nosso grupo que o objeto cotidiano pode operar como arquivo de uma violência invisibilizada, operação análoga à que buscamos com as manchetes de jornal.

Do artista¹ brasileiro Mundano, tomamos como referência *Os operários de Brumadinho* (2020), releitura de Tarsila do Amaral pintada com a própria lama tóxica do crime-desastre de Brumadinho (2019): o pigmento, aqui, é o próprio material da violência. Dessa estratégia retiramos a ideia de usar o jornal — veículo que noticia e, ao mesmo tempo, banaliza — como matéria-prima da obra.

A artista brasileira Yara Pina trabalha com símbolos de regimes autoritários para deixar rastros de memórias das violências praticadas contra a população pobre, o que reforçou nossa atenção ao que permanece depois que a notícia sai de circulação. Já de Cildo Meireles, mobilizamos a série *Inserção em círculos ideológicos* (1970), na qual garrafas de Coca-Cola e cédulas de dinheiro, objetos de circulação ampla, foram usados para inscrever frases críticas ao regime: um princípio de intervenção em superfícies cotidianas que orientou o uso que fizemos do espelho e do jornal.

4. TEMA

Para os terceiros anos da instituição de ensino, o processo de criação sobre arte de denúncia e arte de protesto não exigiu visitar escombros de um terremoto, como Ai Weiwei, nem viajar até o local de um crime ambiental, como Mundano. Bastou olhar para uma catástrofe cotidiana da qual todos já fazemos parte: a misoginia — o ódio às mulheres.

5. PROCESSO DE CRIAÇÃO

Durante o processo de criação, as turmas participaram de rodas de conversa nas quais respondiam coletivamente a um questionário geral sobre misoginia. Em seguida, em trios ou duplas, responderam a questionários específicos para meninas ou meninos, buscando compreender o próprio lugar de fala e o olhar individual diante do tema. Cumpre ressaltar que reconhecemos a escola como ambiente plural e compreendemos a existência de identidades de gênero para além da estrutura binária homem-mulher; no entanto, nas turmas nas quais a

¹ Um **ativista** (a união de *artista* com *ativista*) é a pessoa que utiliza a sua expressão artística como ferramenta de protesto, resistência e conscientização social. O termo descreve quem funde a criatividade (música, teatro, pintura, cinema) com a militância política, ecológica ou de direitos humanos.

atividade foi realizada não havia estudantes que se autodeclarassem não binários, o que orientou a adoção dessa organização específica dos questionários.

No momento seguinte, os grupos receberam uma manchete de jornal para elaborar sua obra, sua ficha descritiva e o texto de apresentação. Todas as turmas participaram também da montagem da exposição, da organização do espaço expositivo e da divulgação do trabalho.

O questionário geral foi respondido coletivamente em sala de aula. Quando os(as) estudantes levantavam a mão para responder “sim”, observava-se o contraste entre as respostas, gerando diálogos sobre diferenças e similaridades entre os gêneros.

Algumas perguntas do questionário geral: Você já sentiu que sua opinião foi ignorada e desvalorizada por causa do seu gênero?; já foi criticado(a) por não se comportar conforme o esperado para seu gênero?; já percebeu tratamento diferenciado entre meninos e meninas na escola?; já se sentiu inseguro(a) ou com medo ao andar sozinho(a) à noite?; já viu um homem ser elogiado por tarefas básicas de cuidado (como cuidar dos filhos ou limpar a casa)?; já viu uma mulher ser criticada por algo que seria elogiado se fosse feito por um homem?

Os questionários específicos, respondidos em trios, abordaram questões particulares de cada gênero.

Exemplos de perguntas para meninas: Você já deixou de usar uma roupa por medo de ser julgada?; já sentiu que precisava ser mais “discreta”, “delicada” ou “boazinha” para ser aceita?; já percebeu que meninas são ensinadas a competir entre si, enquanto meninos aprendem a se proteger?; já ouviu comentários sobre seu corpo sem solicitar?

Exemplos de perguntas para meninos: Já pensou que meninas “se fazem de difíceis” e que insistir é uma forma de conquistar?; já sentiu vergonha ou zombou de outro menino por demonstrar sentimentos ou recusar comportamentos machistas?; já comentou sobre o corpo de alguma mulher em público ou nas redes sociais?; já acobertou algum amigo que estava enganando uma menina?

As turmas conheceram as manchetes de jornal conjuntamente antes de receberem a notícia específica que seria trabalhada pelo seu trio. Todas as matérias foram coletadas em portais de jornalismo digital (G1, BBC Brasil, Estadão, Brasil de Fato e Terra), selecionadas ao longo do primeiro semestre de 2025. O conjunto de notícias, dos últimos dez anos, contemplava mulheres de diferentes idades, etnias, raças, classes sociais e contextos, numa perspectiva interseccional da violência contra a mulher. Foram observados elementos textuais

(voz ativa/passiva), visuais (imagens escolhidas), localização geográfica, idade, raça, religião e níveis de vulnerabilidade das vítimas.

Alguns exemplos das manchetes que compunham o apanhado exposto — todas oriundas de portais de jornalismo digital de grande circulação:

- 1 40% das mulheres dizem que já foram xingadas ou ouviram gritos em ambiente de trabalho contra 13% dos homens, diz pesquisa. Fonte: G1
- 2 Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica que brancas. Fonte: Terra
- 3 Mulher morta pelo ex-marido ao ser arrastada por carro terminou relacionamento após ele quebrar imagens de orixás dela, diz polícia. Fonte: G1
- 4 'Adolescência': Crise nas escolas exige medida radical para 'impedir que meninos machuquem meninas e a si mesmos', diz criador da série. Fonte: BBC
- 5 Femicídios indígenas cresce 500% em 10 anos. Fonte: BrasilDeFato
- 6 Dominique Pelicot, acusado de drogar ex-mulher para estupros em série, é condenado a 20 anos de prisão na França. Fonte: G1
- 7 Estudo identifica crescimento do discurso de ódio contra mulheres na internet. Fonte: G1
- 8 Meninas realizam o dobro de trabalhos domésticos em relação aos meninos. Fonte: Estadão

6. MEDIAÇÃO

A aprendizagem não se encerrou com a montagem do espaço expositivo. O trabalho de mediação possibilitou visitas com reflexões e diálogos sobre como o material exposto impactou cada visitante de maneira singular.

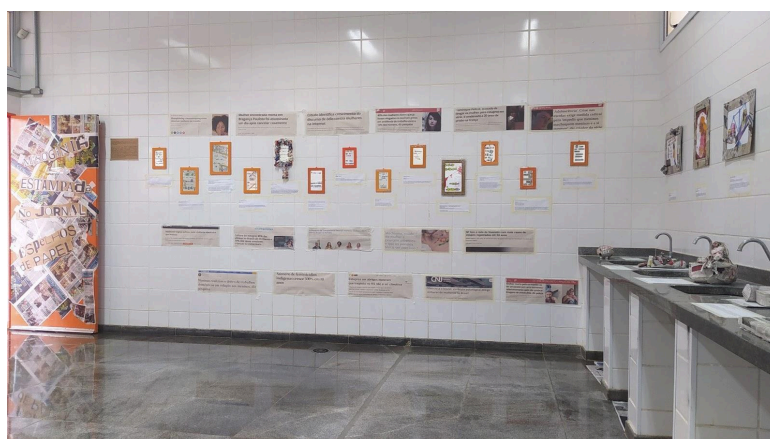
Uma das atividades propostas foi o jogo de identificação das três obras (espelho, objeto e quadro) relacionadas à mesma manchete. Nesse processo de tentativa e erro, surgiram discussões sobre questões interseccionais. O material teórico também foi disponibilizado no espaço, o que estimulou rodas de conversa espontâneas, aplicação dos questionários e relatos de experiências pessoais ou familiares de violência de gênero, em resposta às cartilhas sobre a Lei Maria da Penha e cartazes do 180 - Disque denúncia.

Nos murais interativos, os visitantes puderam interferir com frases e reflexões. Um mural trazia espaço para dicas de como contribuir para o fim da misoginia; o outro, um mural de apoio, em que cada pessoa podia deixar seu recado, somando sua voz ao coletivo.

7. PRODUTO ARTÍSTICO

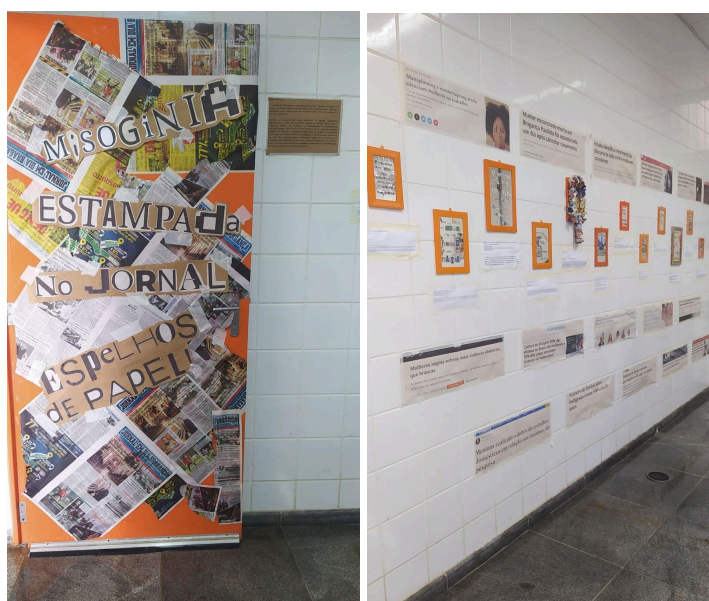
Foi utilizado como espaço expositivo o Laboratório de Arte da escola, como se vê na Figura 1. As manchetes foram distribuídas nas paredes 1 e 2 sem necessariamente estar lado a lado com seus respectivos produtos artísticos, conforme as Figuras 2 e 3.

Figura 1: Laboratório de Arte como espaço expositivo.



Fonte: Elaborado pela autora.

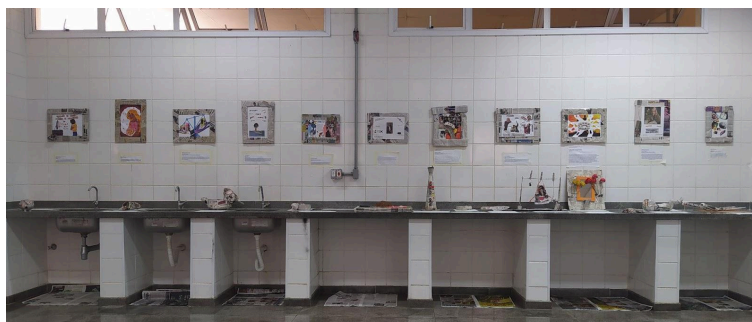
Figuras 2 e 3: Título na porta e parede com notícias ampliadas e espelhos modificados.



Fonte: Elaborado pela autora.

As criações sobre as diversas manchetes estavam dispostas na bancada e nas paredes, com a identificação da obra e sua autoria, como na Figura 4.

Figura 4: Quadros de colagens e objetos envoltos em jornais.



Fonte: Elaborado pela autora.

Na Parede 3, foram disponibilizados os materiais teóricos, banners do 180 - Disque Denúncia, trechos do livro de Valeska Zanello, questionários aplicados em sala de aula e um espaço interativo para os visitantes escreverem.

Os objetos artísticos criados demonstraram reflexão, ironia e questionamento, operando por deslocamento do uso: transformar um objeto conhecido em suporte de denúncia. Na Figura 5, Ele brinca, ela limpa, a divisão sexual do trabalho doméstico, frequentemente invisibilizada nos questionários respondidos pelos meninos, ganha forma material e se torna pública.

Figura 5: Ele brinca, ela limpa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Alguns grupos escolheram objetos cuja função original foi subvertida para dar dramaticidade às ideias, como na Figura 6: o Podador de sonhos, ferramenta de poda ressignificada, materializa a imagem recorrente nas rodas de conversa de que a misoginia opera pelo corte — interrompendo trajetórias, silenciando vozes, podando possibilidades de vida.

Figura 6: Podador de sonhos



Fonte: Elaborado pela autora.

Outros grupos recorreram à ironia e à expectativa de manipulação pelos visitantes. Na Figura 7, uma vuvuzela — objeto de sonoridade ampla e estridente — foi apresentada lacrada, impossibilitada de emitir som: a peça traduz, em gesto material, o silenciamento reiteradamente nomeado pelas meninas nos questionários.

Figura 7: Não consigo me ouvir.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nos espelhos modificados com letras de jornais, alguns grupos sentiram necessidade de incluir outras colagens, abrindo o objeto a uma leitura interseccional. É o caso, na Figura 8, do espelho sobre racismo religioso, que simula um espelho de Oxum: a sobreposição do orixá ao suporte espelhado articula racismo e misoginia como violências interligadas, recusando sua leitura separada.

Figura 8: Visão de um conjunto de espelhos modificados



Fonte: Elaborado pela autora.

Outros grupos, além das colagens coloridas, incluíram palavras e frases sobre o tema, como nas Figuras 9 e 10 — Viraliza a misoginia e Trabalho igual, valor diferente —, em que o texto assume função plástica e a linguagem da rede social é reapropriada para denunciar aquilo que ela própria amplifica.

Figuras 9 e 10: Viraliza a misoginia e Trabalho igual, valor diferente.



Fonte: Elaborado pela autora.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de criação desta instalação se conecta com os estudos realizados desde que comecei a integrar o Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade (NUGS). Como parte da ação “*Caravana NUGS*”, em 2024, levei uma oficina para uma instituição de ensino de outra cidade. Lá conheci a professora que havia realizado uma instalação no pátio chamada “*A prateleira do amor*” com suas turmas, como culminância dos estudos sobre o livro de Valeska Zanello. Foi desse encontro que surgiu a ideia da instalação “*Misoginia estampada no jornal: Espelhos de papel*”, posteriormente estruturada para se tornar um bimestre de aprendizados com os terceiros anos conforme relatado neste texto.

Durante o processo de criação e reflexão, foram construídos laços de acolhimento e confiança entre os estudantes. O espaço expositivo e os momentos de diálogo proporcionaram oportunidades valiosas para que as meninas tivessem voz, compartilhassem situações que já haviam vivido e se percebessem como vítimas de um sistema que naturaliza a violência e o silenciamento. Ao mesmo tempo, os meninos puderam se reconhecer como parte desse sistema, percebendo-se, muitas vezes, como perpetradores involuntários de comportamentos misóginos e compreendendo a necessidade de rever atitudes e valores.

Para dar continuidade aos aprendizados, após o período de mediação, assistimos ao documentário “*A máscara em que você vive*”, de Jennifer Siebel, e dialogamos sobre as vivências masculinas, abrindo espaço para a compreensão dos aspectos de sofrimento que o patriarcado impõe também sobre os homens. Essa etapa complementou as reflexões iniciais,

ampliando a percepção coletiva sobre as múltiplas formas de opressão e reafirmando a importância de uma educação que promova a empatia, o respeito e a equidade de gênero.

Essas trocas e descobertas coletivas foram fundamentais para que a experiência ultrapassasse o campo artístico, transformando-se em um processo educativo e formativo profundo. Cumpre registrar que as atividades aqui descritas integraram o planejamento regular da disciplina de Arte, configurando prática pedagógica curricular e não pesquisa formal com seres humanos. Por essa razão, não houve submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. As rodas de conversa, os questionários e os materiais produzidos pelos estudantes foram mobilizados em caráter didático, com acompanhamento da Coordenadoria Sociopedagógica, preservando anônima a identidade dos(as) estudantes, na presente publicação.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 3077-3086, 2017.

MOTERANI, Geisa Maria Batista; CARVALHO, Felipe Mio de. Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. **Avesso do Avesso**, Araçatuba, v. 14, n. 14, p. 167-178, nov. 2016.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas — **Estudos Gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2012.

NEWSOM, Jennifer Siebel. A máscara em que você vive [The Mask You Live In]. Direção: Jennifer Siebel Newsom. Estados Unidos: **The Representation Project**, 2015. 1 documentário (97 min.).

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.